Paul Strathern

São Tomás de Aquino

em 90 minutos



Jorge Zahar Editor

F I L Ó S O F O S
em *90 minutos*

. . . .

por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos
Berkeley em 90 minutos
Bertrand Russell em 90 minutos
Confúcio em 90 minutos
Derrida em 90 minutos
Descartes em 90 minutos
Foucault em 90 minutos
Hegel em 90 minutos
Heidegger em 90 minutos
Hume em 90 minutos
Kant em 90 minutos
Kierkegaard em 90 minutos
Leibniz em 90 minutos
Locke em 90 minutos
Maquiavel em 90 minutos
Marx em 90 minutos
Nietzsche em 90 minutos
Platão em 90 minutos
Rousseau em 90 minutos
Santo Agostinho em 90 minutos
São Tomás de Aquino em 90 minutos
Sartre em 90 minutos
Schopenhauer em 90 minutos
Sócrates em 90 minutos
Spinoza em 90 minutos
Wittgenstein em 90 minutos

SÃO TOMÁS DE AQUINO (1225-1274) em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:
Marcus Penchel

Consultoria:
Danilo Marcondes
Professor-titular do
Deptº de Filosofia, PUC-Rio



ZAHAR

SUMÁRIO

. . . .

SOBRE O AUTOR

. . . .

PAUL STRATHERN foi professor universitário de filosofia e matemática na Kingston University e é autor das séries "Filósofos em 90 minutos", traduzida em mais de oito países, e a mais recente "Cientistas em 90 minutos". Escreveu cinco romances (entre eles *A Season in Abyssinia,* ganhador do Prêmio Somerset Maugham), além de biografias e livros de história e de viagens. Foi também jornalista *freelance,* colaborando para o *Observer,* o *Daily Telegraph* e o *Irish Times.* Tem uma filha e mora em Londres.

Introdução

. . . .

Tomás de Aquino morreu em 7 de março de 1274 e subiu aos céus. Quarenta e nove anos depois, virou santo; e em 1879 o papa Leão XIII declarou sua obra “a única filosofia verdadeira”.

Tomás de Aquino rompeu assim com a grande tradição filosófica do fracasso. Isso o diferencia de todos os outros filósofos (e talvez mesmo da própria filosofia). Com efeito, parece não haver mais nada a dizer sobre o assunto. Isto é, a não ser que você creia que nosso pensamento fez alguns progressos desde a Cruzada das Crianças e o cinto de castidade.

Ter sido tema de hagiografias repulsivas, cheias de encantadoras anedotas e completa aceitação de muita bobagem metafísica não foi de grande valia para a reputação filosófica de Tomás de Aquino. Tudo o que podemos ver é uma figura sombria em meio a nuvens de incenso teológico. É difícil distinguir aí a mente filosófica mais refinada da Europa em um milênio (desde santo Agostinho). Mas Tomás de Aquino é sem dúvida desse porte.

Para apreciá-lo é necessário distinguir ao máximo entre a sua teologia e a sua filosofia. A primeira é absolutamente correta em todos os aspectos e está além de qualquer questionamento. (Qualquer um que duvide disso corteja a excomunhão instantânea e a perspectiva de uma vida pós-morte numa região subdesenvolvida, desprovida dos modernos confortos domésticos.) A filosofia, por outro lado, é algo cuja verdade está aberta à discussão. É isso que faz da filosofia o que ela *é*.

Mesmo na época de Tomás de Aquino havia uma diferença implícita entre teologia e filosofia. As duas conduziam suas argumentações de modo semelhante — por dedução, raciocínio, lógica e assim por diante. Mas em teologia tal conhecimento baseava-se na verdade revelada da fé. Os primeiros princípios da teologia apoiavam-se na crença em Deus. A filosofia, por outro lado, não exigia tal crença; ela partia de primeiros princípios que eram supostamente “auto-evidentes”. Estes baseavam-se na nossa percepção do mundo ao redor e exclusivamente no uso da razão.

Na prática, claro, teologia e filosofia muitas vezes se sobrepunham — especialmente na civilização dominada pela religião da era medieval. Tal estado de coisas pode parecer estranho nos tempos ímpios em que vivemos, mas na verdade nosso pensamento está reduzido a um estado curiosamente semelhante. A filosofia moderna meramente encobre a divisão entre pensamento teológico e filosófico. Até para filosofar temos que começar acreditando em algo — suposições básicas, que estão além da nossa capacidade de comprovação racional. Por exemplo, uma crença na coerência e consistência do mundo, sem a qual não haveria leis científicas. Mas sem dúvida isso é apenas tergiversação, não? Não é isso o que significa “auto-evidente”? É *óbvio* que o mundo é coerente, mesmo que não tenhamos como provar isso. Nada disso. A mecânica moderna dos *quanta,* que trata do comportamento das partículas subatômicas, não tem nem coerência nem causalidade. Isso, naturalmente, é ciência e é possível que em breve cheguemos a uma teoria geral (uma teoria de tudo, digamos) que superará essas inconsistências aparentes. Mas não é essa a questão. Nas condições atuais, uma crença na consistência última do mundo não é mais justificável que a crença em Deus. De fato, isso é verdadeiro sob certas condições.

O que nos leva a outra comparação relevante. O final do século XX é quase inimaginavelmente diferente da era medieval. A mente contemporânea numa sociedade tecnológica avançada tem pouquíssima semelhança com uma mente medieval. Alguns filósofos e cientistas passaram mesmo a questionar se esses dois indivíduos partilham uma humanidade comum; argumentam que tal coisa não existe, mas apenas uma espécie em constante evolução. Para eles, o conceito de “humanidade” implica

noções ultrapassadas como as de “alma”, de uma “condição humana” invariável, de uma “consciência” que elide a precisão científica, uma crença na exclusividade da “individualidade” etc. — noções que não têm lugar num mundo de evolução darwinista, ADN, clones e milagres do gênero que contribuíram para a autocompreensão moderna.

Nesse caso, que relevância pode ter para nós Tomás de Aquino? As almas simples que não podem aceitar essa visão científica extremista — que tendem obstinadamente a achar que Hamlet, Fausto e mesmo Dante ainda têm algo a nos dizer — não precisarão de muita coisa para se convencerem. Aqueles que acreditam que estamos nas agonias iniciais de uma era de desenvolvimento humano sem precedentes (equivalente a uma transformação evolutiva fundamental) vão exigir maior persuasão. Mas é possível argumentar. O progresso nos seiscentos anos entre Tomás de Aquino e o começo do século XX consistiu, para todos os efeitos, numa descansada andadura. No final do século XX esse trotar passou a uma carreira arrojada. Se considerarmos que a visão de mundo (ou a configuração mental) de Tomás de Aquino se tornou, com os séculos, uma coisa irrelevante, em quanto menos tempo a nossa também se juntará ao monte de lixo? Se o progresso é como uma seqüência cinematográfica, será que cada fotograma atual deve ser considerado o único filme que vemos? Os pensadores “sérios” modernos podem encarar Tomás de Aquino mais ou menos como encaramos Charles Chaplin. Em quanto tempo nossos processos mentais serão vistos como uma farsa grosseira? Ou será que os clichês chaplinianos das cascas de banana e do sentimentalismo açucarado ainda têm algo a nos dizer?

Vemos a nossa era como a maior da história da humanidade (ilusão comum a muitas eras anteriores). A nossa época é de uma originalidade aparentemente infinita, embora tal dinamismo protéico não seja necessariamente característico das grandes eras. Dentre as civilizações mais duradouras e estáveis, sobre as quais se prodigalizaram vastos recursos intelectuais e materiais, estão a chinesa e a européia medieval. Aí atingiu-se a estase e, com isso, uma estabilidade que permitiu o desenvolvimento do pensamento estruturado e o embelezamento intelectual a um grau sem paralelo. A *Divina comédia* de Dante foi talvez a mais sofisticada construção poética já produzida pela humanidade e as certezas que incorporava eram parte integrante da era medieval. As imensas catedrais góticas da Europa ocidental foram, provavelmente, os primeiros grandes monumentos coletivos da humanidade. Elas incorporaram os variados talentos de seus construtores; e desde a Grécia antiga não se produziam obras de tal magnificência sem o estímulo da tirania. A era medieval também produziu seu monumento intelectual coletivo: verdadeiro mamute do pensamento, tal monumento foi a filosofia em grande parte estática e cumulativa da escolástica. E o mestre consagrado da escolástica foi Tomás de Aquino.

VIDA E OBRA

. . . .

Tomás de Aquino (Tommaso d'Aquino) nasceu num castelo seis quilômetros e meio ao norte de Aquino, no sul da Itália. Este castelo bastante sombrio ainda se ergue na colina sobre o lugarejo de Roccasecca, junto à auto-estrada Roma-Nápoles. Tomás era o sétimo filho do conde Landolfo d'Aquino; e o celebrado poeta lírico Rinaldo d'Aquino pode bem ter sido um dos seus irmãos. Mais interessante ainda: Tomás era sobrinho de Frederico II, o desgarrado sacro imperador romano cuja corte siciliana foi cenário de uma Renascença prematura. Homem de talentos excepcionais, Frederico foi excomungado pelo papa, mas logo partiu em uma cruzada que retomou Jerusalém para a cristandade (o que colocou o papa numa espécie de dilema).

Aos cinco anos, Tomás foi enviado para a escola monástica em Monte Cassino. Aí seu intelecto aguçado e temperamento religioso logo se evidenciaram. Mas após nove anos sua educação foi interrompida, quando o tio Frederico expulsou os monges, achando que estavam ficando muito amistosos com o inimigo dele, o papa. Tomás foi então mandado para a Universidade de Nápoles, fundada por Frederico. (Infelizmente, nessa época Frederico também havia decidido fundar uma nova religião, tendo a si mesmo como messias; e quando o seu principal ministro recusou o papel de São Pedro, mandou cegá-lo e exibi-lo numa jaula.)

Sob a proteção de Frederico II, a Universidade de Nápoles tornara-se um importante núcleo do novo conhecimento que começava a se disseminar pelo mundo medieval. O aprendizado clássico estava sendo redescoberto e a Universidade de Nápoles atraía homens doutos dos pontos mais longínquos da Europa. Tomás aprendeu lógica com um sábio da Transilvânia chamado mestre Martinho e freqüentou aulas de filosofia natural (ciência) dadas por mestre Pedro de Hibérnia (Irlanda).

Foi mestre Martinho quem apresentou a Tomás os tratados de lógica de Aristóteles, que desempenharam papel tão importante no pensamento medieval. Credita-se geralmente a Aristóteles a invenção da lógica, no quarto século antes de Cristo. A palavra "lógica" deriva do grego *logos* (palavra ou linguagem) e significava originalmente algo como "as regras do discurso". Aristóteles encarava a lógica como um *organon* (instrumento) para uso filosófico. Como tal, podia ser utilizada em todo ramo do conhecimento. O propósito da lógica era *analytika,* "desenredar".

Mas a lógica que Tomás de Aquino herdou no século XIII tinha feito muito pouco progresso nos mil anos desde que Aristóteles a inventara. Sua principal forma de argumentação era o silogismo, descrito por Aristóteles como "um argumento em que certos fatos são estabelecidos e esses fatos geram mais conhecimento, que se segue necessariamente". Um exemplo simples de silogismo:

Todo homem é mortal.

Todos os gregos são homens.

Logo, todos os gregos são mortais.

Quando usado por Aristóteles, esse modo de argumentação tripartite mostrou-se altamente produtivo, liberando o pensamento e levando a novos conhecimentos. A estrutura básica da lógica aristotélica continuava sólida na época de Tomás de Aquino, mas seus métodos começavam a se tornar viciados e restritivos. O argumento era visto como pouco mais que um emprego ritual do método lógico, em vez do instrumento pretendido por Aristóteles. Tais métodos eram considerados a escritura sagrada, e pouca tentativa se fazia para aprimorá-los. A mente ágil de Tomás de Aquino logo tornou-o perito nessas habilidades verbais. Também sentiu-se interessado em especulações filosóficas mais profundas e

percebeu que tais métodos poderiam também ser usados aí, para clarificar seus raciocínios.

Ao mesmo tempo se viu cada vez mais atraído pelos dominicanos. Essa ordem monástica havia sido fundada pouco mais de setenta anos antes, em 1215, por São Domingos, um fanático castelhano ortodoxo. O propósito da ordem era reprimir a heresia. Seus membros usavam hábitos negros e originalmente perambulavam pelos campos pedindo esmolas para viver. Mas ultimamente a ordem estava mais orientada para a educação, o que fora proibido por São Domingos — da mesma forma que colchões macios — sem uma licença especial.

A decisão de Tomás de Aquino de ingressar na ordem dominicana causou consternação na família. Cônscios do seu intelecto excepcional e do seu temperamento religioso, os parentes o encorajaram a entrar para a Igreja. Com seus talentos e as relações que a família tinha, podia facilmente ter-se tornado arcebispo de Nápoles, posição de prestígio conveniente para um descendente do comandante militar do Sacro Império Romano (o avô de Tomás, de quem herdou o nome). Mas a idéia de um Aquino a perambular pelas estradas da Itália, sem um tostão e esmolando, encontrou reação similar à que teria o filho de um general que hoje se desgarrasse para aderir a um grupo *hippie* nas cavernas de Creta.

Mas Tomás estava decidido. Via-se seguindo os passos de outro herdeiro de família prestigiosa que abandonara tudo pouco tempo antes em função de suas crenças: Francisco de Assis. Cerca de duas décadas antes, Francisco havia fundado a ordem que levava seu nome. Dedicou sua vida a cuidar dos doentes e desvalidos, classificação que incluía os pássaros e demais animais, que via como seus irmãos. Tomás iria inspirar-se pelo resto da vida no exemplo de Francisco de Assis, apesar de suas profundas diferenças de objetivo e temperamento. Quando Tomás falava sozinho, estava trabalhando algum argumento aristotélico, e não batendo papo com os passarinhos.

Antes que seus pais pudessem impedi-lo, Tomás ingressou na ordem dominicana e abandonou os estudos em Nápoles. O monge que acabara de deixar o ninho decidiu então caminhar até Paris, o espírito repleto de novas idéias extraídas das obras de Aristóteles, estimulado pela perspectiva de uma vida de sagrada penúria dedicada ao estudo. Paris era o maior centro de estudos da cristandade. Tomás queria estudar lá com Alberto Magno, um dos melhores acadêmicos da época, famoso por seus comentários sobre Aristóteles.

Com 19 anos, Tomás conseguiu vencer 130 quilômetros de estrada, até as margens do lago Bolsano, ao norte de Roma. Então seus irmãos, enviados a cavalo pela mãe, o alcançaram, lançaram-se sobre ele, dominaram-no e o trouxeram de volta ao castelo da família em Roccasecca, onde o prenderam numa torre. Para fazê-lo voltar ao bom senso, o pai se dispôs a dar-lhe o cargo de abade de Monte Cassino (então renovado por Frederico II com monges que viam o papa de modo menos favorável). Mas Tomás não estava interessado em voltar para ser diretor de sua antiga escola. O que fariam os Aquino com essa ovelha negra, que parecia determinada a virar um santo de categoria social inferior? A mãe de Tomás, de cepa normanda simples, decidiu tentar uma abordagem mais francesa — e numa fria noite de inverno fez entrar uma jovem e viçosa camponesa na torre onde o filho estava preso.

Reza a história que Tomás tentava atiçar o fogo no chão da cela quando a moça entrou. Ele ergueu o olhar e viu aquela aparição em meio às chamas. Percebeu de imediato que seus olhos lhe pregavam uma peça. Não se tratava de uma mocinha parcamente vestida que se oferecia para uma noite de amor selvagem e abandono, mas sim de uma salamandra, um espírito de luxúria evocado por alguma magia demoníaca. Tomás agarrou um feixe de gravetos em fogo e o brandiu na direção da moça. De imediato a aparição sumiu, escapando pela porta, pois suas vestes poderiam ser mais inflamáveis do que o combinado. Em estado de êxtase por escapar milagrosamente desse espírito devasso, Tomás ergueu a tocha e desenhou um sinal na parede da cela. De acordo com a tradição, era o sinal da cruz.

Tomás ficaria trancado na torre do castelo por um ano, durante o qual leu a Bíblia e estudou a *Metafísica* de Aristóteles. Esse era o título dado a mais ou menos uma dúzia de pequenos tratados de Aristóteles que discutem, entre outros temas, a questão do ser (ontologia) e a natureza última das coisas. A palavra metafísica, que se tornou quase sinônimo de filosofia, deriva do grego antigo e significa "acima (ou além) da física". Nessa obra Aristóteles tenta descobrir que condições são verdadeiras para todos os seres existentes. Faz a famosa pergunta: "o que é substância?" E passa a discutir a diferença entre substância e essência, ou matéria e forma. Ele rejeita a noção platônica de que a matéria recebe seu formato e identidade particulares de um mundo ideal de formas abstratas. Para Aristóteles, a forma de um objeto específico é, sob muitos aspectos, tão concreta quanto a sua matéria ou substância. A forma é considerada a essência.

Na última parte da *Metafísica,* Aristóteles discute a teologia. Pergunta qual é a causa de alguma coisa, depois indaga o que ocasiona essa causa e assim por diante. Dessa maneira remonta a cadeia causal até a causa última das coisas, o primeiro motor, imóvel, que identifica como Deus. Tais argumentos eram prontamente aceitos pela Igreja cristã. A prova aristotélica da existência de Deus deu suporte filosófico (e, assim, respeitabilidade intelectual) à fé cristã. Esses resquícios de pensamento aristotélico, junto com resquícios platônicos, sobreviveram à Europa da Idade das Trevas. Eles foram absorvidos pelo cânone do ensino cristão, que se preservou nas isoladas comunidades religiosas antes de emergir para se tornar a força intelectual dominante da Europa medieval. Embora as idéias de Platão e Aristóteles não pudessem ser cristãs (ambos morreram mais de trezentos anos antes do nascimento de Cristo), isso não era considerado relevante. Mas, como veremos, tal fato deixou em posição um tanto anômala coisas como a prova aristotélica da existência de Deus (quer dizer, a existência de que Deus, exatamente, ele provou?).

O jovem Tomás de Aquino, devorando avidamente a *Metafísica* de Aristóteles em sua prisão na torre, também preferiu passar por alto quaisquer diferenças entre o Deus aristotélico e o Deus cristão no qual acreditava com tanto fervor. O que o impressionava era o intelecto incomparável de Aristóteles, seu questionamento da natureza última das coisas e sua capacidade de provar a existência de Deus. Tal argumento filosófico era pão e vinho para seu intelecto que despertava.

Mas todas as coisas boas têm que chegar ao fim. Tomás de Aquino não ficaria indefinidamente em paz na sua torre. Sua irmã por fim bolou um plano para lhe dar fuga — no que foi ajudada por alguns dos irmãos, já então mais simpáticos à causa de Tomás. (Estima-se que Rinaldo, o poeta, estivesse entre eles, mas não há evidência disso.) Tarde da noite, a irmã e os irmãos de Tomás esgueiraram-se para dentro da torre e baixaram Tomás num cesto por sobre as muralhas. Na manhã seguinte ele estava de volta à estrada para Paris — tomando cuidado para passar despercebido entre peregrinos, cavaleiros, simplórios e comerciantes a caminho da feira.

Depois de atravessar a Lombardia, os Alpes e a Borgonha, cobrindo quase 1.600 quilômetros a pé, chegou a Paris. Ali descobriu que Alberto Magno tinha ido lecionar em Colônia, na Alemanha. Mais uns 500 quilômetros e Tomás chegava a Colônia.

Alberto Magno era um suábio cujo magistério serviu ao renascimento do interesse estudantil por Aristóteles. (Foi canonizado com atraso e aparentemente por razão alguma, em 1931. Hoje conhecido como Santo Alberto Magno, é o padroeiro das ciências naturais contra as crenças heréticas — categoria na qual incorreu em algum estágio praticamente todo grande avanço científico.) Alberto Magno ficou logo impressionado com o tímido jovem de 21 anos vindo do sul da Itália. Tomás de Aquino transformara-se num gigante desajeitado. Conseguia expressar mesmo as idéias mais complexas com a máxima clareza, mas era praticamente incapaz de expressar seus sentimentos (exceto com a ajuda de uma tocha

flamejante). Seus grandes olhos bovinos fixavam-se, implorantes, enquanto seus colegas desordeiros zombavam dele sem perdão — embora a uma distância segura. Logo tornou-se conhecido como “o boi mudo”, embora Alberto Magno tenha supostamente desaprovado os atormentadores: “gravem minhas palavras: um dia o mugido desse boi será ouvido por toda a cristandade.” Essa história, típica da fraca anedota hagiográfica que se conta sobre quem não há muito mais o que dizer, parece no entanto confirmar modos e aparência bovinas.

Por fim Alberto Magno voltou a Paris, e Tomás o acompanhou. Além de ser o melhor centro estudantil da Europa, a Universidade de Paris desfrutava de uma liberdade única no mundo medieval. Seus alunos e professores eram nominalmente clérigos e, assim, não tinham que responder a autoridades civis. Mas devido a um estatuto zelosamente preservado, também estavam livres da jurisdição eclesiástica do bispo de Paris e só tinham que responder diretamente a Roma. Numa época em que o correio levava quinze dias para chegar a Roma (como aliás ocorre de novo atualmente), isso deixava a universidade e seus estudantes com uma boa liberdade de movimentos. No século seguinte essa anomalia possibilitaria ao poeta François Villon, que cometera um homicídio quando estudava em Paris, escapar do cadafalso. Mas na época de Tomás de Aquino o principal problema não era tanto o comportamento desordeiro quanto as novas idéias. Então como agora, o Quartier Latin fermentava com as últimas idéias que ninguém mais podia sequer tentar compreender, quanto mais acreditar. O pós-estruturalismo do século XIII foi o ressurgimento do ensino clássico, especialmente obras de Aristóteles que não se conheciam antes.

O ensino clássico tornara-se fragmentado após o colapso do Império Romano. Os ensinamentos dos antigos como Platão e Aristóteles só sobreviveram de forma limitada. Muitos manuscritos antigos se dispersaram, foram destruídos ou se perderam. No século V, Aristóteles teria sido traduzido por cristãos nestorianos para o siríaco (antiga variante do aramaico falada na Síria). Nos séculos seguintes suas obras foram traduzidas para o hebraico e o árabe. Depois, no século XII, o grande sábio islâmico Averróis deparou-se com a obra de Aristóteles. Averróis (que provavelmente não teria alcançado tanta fama se houvesse insistido em ser conhecido por seu nome árabe original de Abu al Walid Muhammed ibn Ahmad ibn Muhammed ibn Rushd) foi um juiz na Espanha ocupada pelos mouros, na cidade de Qurtubah (Córdoba). À maneira dos sábios islâmicos de seu tempo, Averróis foi também médico e filósofo. Quando se tornou médico particular do califa de Córdoba, seu senhor persuadiu-o a escrever uma série de comentários sobre Aristóteles. Estes foram então traduzidos para o latim, a língua internacional falada por toda a Europa intelectualizada, que unia a cultura do continente de uma maneira que hoje nos escapa.

Quando os comentários de Averróis começaram a aparecer na Europa, fizeram ressurgir o interesse em Aristóteles, cujo espírito científico afinava-se particularmente às mudanças que tinham lugar no mundo medieval. O feudalismo declinava e a Europa testemunhava o crescimento das cidades, e as populações urbanizadas desenvolviam uma nova atitude em relação ao mundo.

A cristandade já tivera um encontro com o pensamento grego oito séculos antes. Naquela oportunidade, havia absorvido várias idéias de Platão, assistida por Santo Agostinho. Mas essas idéias tinham meramente confirmado a cristandade no seu desrespeito da realidade cotidiana. O mundo não passava de um pobre palco no qual a humanidade suportava o drama das suas batalhas espirituais; a verdadeira realidade estava no reino transcendente das idéias puras: tudo o mais era, na melhor das hipóteses, uma distração; na pior, uma escravização que levava à danação eterna.

Essa atitude era boa para uma sociedade feudal, amplamente agrária; mas os habitantes das cidades sentiam a necessidade de uma compreensão mais ativa do que os cercava, de modo a resolver os novos problemas colocados pela vida urbana. (O problema dos esgotos, por exemplo, era particularmente premente.)

A abordagem científica de Aristóteles parecia adequar-se a essas necessidades. O mundo medieval acordava do seu sono e os avanços tecnológicos começavam a aparecer (o advento do esgoto a céu aberto, por exemplo.) A teologia cristã achava-se agora confrontada, pela primeira vez na história, com o problema colocado pelas explicações científicas do funcionamento do mundo. Onde antes reinara soberana a pura contemplação mística, começava agora a razão a levantar sua feia cabeça. (Confrontada com a quase insuportável vileza do mundo, a pessoa podia meditar a fundo sobre a realidade transcendente ou… abrir as comportas do esgoto.)

Essa mudança de atitude foi acompanhada de uma transformação em outras esferas. Nos tribunais, o ressurgimento dos métodos do direito romano estava levando à adequada investigação dos crimes, em vez de tentativas de descobrir a "verdade" submetendo-se os réus a provações como a cadeira de imersão. (Caso confessassem, eram culpados e seriam enforcados; caso se afogassem sendo inocentes, suas almas iriam para o céu.) Num desses raros momentos da história, parecia que um crescente elemento racional estava para ingressar nos assuntos humanos. A Europa estava à beira do Renascimento. (Ele não ter acontecido é outra história. Tomás de Aquino também tomaria parte nesta. Tornando as idéias de Aristóteles inofensivas para os ensinamentos da Igreja, ele ajudou a adiar o inevitável. E isso foi ainda mais adiado no século XIV, com o aparecimento da Peste Negra, que deixou um rasto de cadáveres e exumou um rasto de idéias mortas por toda a Europa.)

Quando Tomás de Aquino chegou a Paris com Alberto Magno, fixou residência no Quartier Latin, cujo nome vinha da língua falada pela comunidade internacional de estudantes que se comprimiam nas suas ruelas. Sabe-se que Tomás de Aquino morou na Rue St. Jacques, então a via principal do bairro, no Colégio dos Jacobinos (os dominicanos franceses). Depois de se formar, aos 30 anos, Tomás de Aquino recebeu licença para lecionar. O jovem alto e desajeitado passara por uma transformação. Por baixo do olhar fixo, bovino, brotava uma espessa barba escura, enquanto o alto da cabeça tornara-se completamente careca. Os hagiógrafos de Tomás de Aquino falam de uma vida austera e hábitos frugais, mas a maioria dos relatos menciona também sua imensa pança. A única explicação para esse enigma proeminente é que provavelmente ele comia um bocado, mas de forma descuidada.

Apesar da aparência pouco atraente e das maneiras sociais reservadas, ele logo se tornou um favorito dos estudantes e suas conferências começaram a atrair grandes audiências. Esse era o homem que tinha absorvido os últimos ensinamentos disponíveis de Aristóteles e podia tornar compreensíveis para todos mesmo suas idéias mais abstrusas.

Mas as idéias de Aristóteles não eram populares com as autoridades conservadoras da Igreja. Quando

Tomás de Aquino despontou em Paris, o ensino da filosofia aristotélica já tinha sido condenado nada menos que quatro vezes por desviar os fiéis. (Em 1231 o papa Gregório IX chegou a nomear uma comissão para expurgar exemplos racionais das obras de Aristóteles.) Mas Tomás de Aquino fez o melhor que pôde para evitar controvérsia com a Igreja. Segundo sua interpretação de Aristóteles, a teologia podia agora se tornar uma ciência. Com base em princípios auto-evidentes e na verdade revelada por Deus (na Bíblia), um arcabouço de conhecimento podia ser erguido de acordo com princípios racionais. (Quatro séculos depois, Spinoza construiria toda a sua filosofia por esse esquema.)

Mas havia uma controvérsia que Tomás de Aquino não podia evitar — entre as autoridades universitárias e os dominicanos. As autoridades universitárias relutavam em reconhecer a ordem recém-fundada e conceder-lhe o privilégio da exclusão da lei civil de que desfrutavam outros membros da universidade. Aos olhos das autoridades, os miseráveis dominicanos com seus hábitos negros esfarrapados não eram melhores que os mendigos licenciados e os vagabundos. Os dominicanos reagiram

recusando-se a reconhecer a autoridade universitária, mas insistiam que legalmente tinham direito às mesmas liberdades de todos os demais membros da universidade, isto é, de estarem fora da jurisdição das autoridades civis. A controvérsia entre os dominicanos e as autoridades universitárias chegou ao auge em 1257, quando Tomás de Aquino foi nomeado professor de filosofia em Paris. Os que apoiavam a universidade contra os dominicanos recusaram-se a aprovar a indicação de um dominicano e recorreram ao papa.

Os dominicanos podiam pregar o reino dos céus, mas não eram nada desajeitados quando se tratava de lidar com os problemas deste mundo. Especialmente o mundo bem secular da política eclesiástica. Antes de embarcar em sua contenda com a Universidade de Paris, os dominicanos foram espertos e tomaram precauções. Sobretudo tiveram o cuidado de garantir influência na Cúria, o tribunal do papa — e o resultado foi que, no final, o papa decidiu a favor deles. A indicação de Tomás de Aquino foi confirmada, e os dominicanos ganharam respeitabilidade nas universidades e tribunais por toda a Europa.

Tomás de Aquino continuou a lecionar e a escrever a obra magna que iniciara ao se formar: a *Summa contra gentiles* (Suma contra os gentios), que contém muito de sua obra filosófica e também longas passagens que demonstram aos católicos que a única filosofia verdadeira está além do entendimento humano. (Essa posição aparentemente autoderrotista, segundo a qual a verdade filosófica é de fato incompreensível, tem longa tradição. Na realidade, alcança mesmo a filosofia moderna, com Wittgenstein insistindo que tal verdade é tão incompreensível que não devemos sequer falar dela.)

A *Suma contra os gentios* é uma obra enciclopédica que incorpora o pensamento de Aristóteles na teologia da Igreja católica, de forma bem parecida com a maneira como Santo Agostinho incorporou o pensamento de Platão na doutrina cristã oito séculos antes. Como vimos, antes da ampla e detalhada análise das idéias de Aristóteles por Tomás de Aquino e da relação que estabeleceu entre elas e as idéias cristãs, a teologia cristã enfrentou uma crescente pressão com a redescoberta da cultura grega, com sua ênfase na razão e na ciência. Com efeito, é difícil ver como a teologia cristã do período poderia ter sobrevivido sem a ajuda de Tomás de Aquino.

A *Suma contra os gentios* é uma obra filosófica cujo propósito é estritamente não-filosófico. Nela, Tomás de Aquino usa argumentos filosóficos para demonstrar a verdade das crenças cristãs. Seus argumentos visam o não-cristão sério. Acreditava-se em geral que essa espécie tinha se extinguido na Europa nesse período; e sempre que se revelava não ser esse o caso, vigorosas medidas inquisitoriais eram tomadas para que esse se tornasse efetivamente o caso. Então para quem escrevia Tomás de Aquino? Seu leitor imaginário é geralmente considerado um intelectual árabe. Depois de submetido a centenas de páginas demonstrando a verdade inquestionável da religião cristã, supõe-se que ele não tem alternativa senão renegar o Islã e abraçar o cristianismo. Quantos intelectuais árabes se submeteram a essa experiência extenuante e chegaram à mesma conclusão é desconhecido.

O propósito de Tomás de Aquino pode ser suspeito, mas seu filosofar é de alto calibre. Seus argumentos seguem passo a passo, de maneira simples e lógica, o estilo adotado nos diálogos de Platão e nas obras de Aristóteles. Ele gosta de começar com o lugar-comum específico e levar gradualmente às mais profundas conclusões. Tome-se por exemplo a sua noção de "sabedoria". É possível, diz, adquirir sabedoria em alguma esfera prática, por exemplo ganhar dinheiro. Aqui a sabedoria é o meio utilizado com um objetivo específico (ficar rico). Mas todos os objetivos específicos submetem-se ao propósito geral do mundo. Esse propósito é a verdade última, que é o bem. A forma mais elevada de sabedoria leva-nos assim a uma compreensão desse propósito geral: a vontade de Deus.

Aqueles que não aceitam que o propósito último do mundo é o bem podem achar que há uma falha nessa linha de raciocínio. Mas não há como negar o papel fundamental da razão nesse argumento, que

Tomás de Aquino extraiu de Aristóteles. De acordo com Tomás de Aquino, esse tipo de raciocínio informado sempre nos levará a Deus. Mas só pode nos levar até aí. Podemos usar a razão para provar coisas como a existência de Deus e a imortalidade da alma; mas a razão é incapaz de provar a existência de coisas como o Juízo Final e o Espírito Santo, que só podem ser compreendidas pela revelação, a qual provém da fé.

Tomás de Aquino tem grande dificuldade para diferenciar entre o reino da razão e o da fé. As verdades que podem ser demonstradas pela razão jamais contradizem as verdades da fé. Da mesma forma, as verdades da fé, descobertas por revelação, estão sempre de acordo com as verdades descobertas pela razão. Felizmente, a maior parte da *Suma contra os gentios* dedica-se a estas últimas, e só quando tais argumentos racionais alcançam uma conclusão é que Tomás de Aquino assinala como concordam com as verdades da fé.

A classificação da razão por Tomás de Aquino sutilmente abre caminho para a investigação científica independente, usando os métodos de Aristóteles. Ao mesmo tempo ressalta como as conclusões tiradas dessas investigações estão fadadas a concordar com os dogmas da fé. Dá a impressão de uma parceria equitativa entre a razão e a fé — mas essa igualdade é uma ilusão. A Igreja desde muito tinha jantado a ciência. E ao fazê-lo tinha engolido Aristóteles (ou pelo menos aqueles ossos de sua filosofia que haviam sobrevivido à Idade das Trevas na Europa ocidental). A ciência de Aristóteles era agora parte da fé. O mundo era feito de terra, ar, fogo e água; a Terra era o centro do universo; um objeto pesado caía ao chão mais rápido que um objeto leve. Aristóteles escrevera que essas coisas eram verdadeiras, de modo que *eram* verdadeiras de fato (mesmo que ao deixar cair um livro e uma pena ao mesmo tempo se pudesse ver imediatamente o contrário).

A grande dificuldade do argumento de Tomás de Aquino surgiu quando a razão de Aristóteles foi aplicada à própria ciência que ele produzira. Aí a razão e a fé *de fato* entravam em conflito. Mas por ora essa dificuldade foi varrida para baixo do tapete, onde ficaria três séculos, até o advento de Copérnico e Galileu. (Copérnico usou essencialmente o raciocínio matemático para demonstrar que os planetas giravam em torno do Sol. A confiança de Galileu no método experimental pode ser vista como uma extensão da razão à esfera prática. Aristóteles certamente teria reconhecido os dois usos como desdobramentos da lógica que ele inventara. Aristóteles nunca pretendera que a sua ciência fosse estática; ele com razão via a ciência como um processo contínuo de investigação. Só o método devia ser permanente.)

Se a Igreja tivesse distinguido o método aristotélico (razão, lógica, categorização) de suas descobertas, o conflito com a ciência jamais teria surgido. As descobertas científicas de Aristóteles teriam sido vistas como uma limitação necessária de sua época, assim como sua maneira de se vestir ou sua condição pagã inevitável. Isso é melhor ilustrado por um conflito que *não* existiu. Aristóteles mal mencionou a prática comercial, e, assim, o nascimento do banco mercantil, que se deu mais ou menos nessa época, não infringia artigos de fé (afora o mandamento bíblico sobre a usura, cinicamente contornado). Aristóteles não se pronunciou sobre contabilidade ou taxas de juros sobre empréstimos. Em conseqüência, a “ciência do dinheiro” pôde se desenvolver sem empecilhos, para imenso proveito da civilização européia (e, claro, dos banqueiros).

Mas, voltando à *Suma contra os gentios*. Depois de abrir caminho para a razão, Tomás de Aquino se pôs a usá-la numa tarefa fundamental: provar a existência de Deus. Hoje em dia tendemos a encarar essa como uma das coisas cuja existência não pode ser provada pela razão. A existência de Deus é auto-evidente para nós, é uma questão de fé. Ou consideramos tudo isso um conto de fadas. Não importa quão instigantes ou racionais, os argumentos, contra ou a favor, parecem irrelevantes. Em outras palavras, agora tendemos a considerar que coisas como a existência de Deus e a imortalidade da alma incluem-se

no reino da revelação. O que é filosoficamente importante é o delineamento tomista dessas duas categorias (razão e revelação), não o mau uso delas. Como já vimos, algo notavelmente semelhante a essas categorias ainda se mantém na filosofia moderna, em que Wittgenstein sustenta: "Do que não se pode falar deve-se calar." Ou dito de outra forma: qualquer verdade última, se existe tal coisa, está tão além da prova que não podemos sequer falar a respeito.

É útil adotar uma atitude semelhante quando consideramos as provas efetivas de Tomás de Aquino sobre a existência de Deus. O que é interessante não são tanto as conclusões, mas os próprios argumentos. Em outras palavras, a forma desses argumentos.

Os de mente prosaica têm todo o direito de suspeitar nesse ponto. Tal atitude pode ser altamente perigosa. (A forma de argumentação usada por um racista ou uma pessoa terra-a-terra pode ser superior àquela adotada por nós, cosmopolitas globalistas, embora isso não torne menos absurda a conclusão do seu argumento.) Provas da existência de Deus podem ter saído de moda, mas sua forma bem que continua conosco. Com efeito, como veremos, cientistas contemporâneos hoje usam essa forma para explicar a existência do universo.

Curiosamente, Tomás de Aquino começa rejeitando o que muitos consideram a prova mais instigante da existência de Deus, a saber, o Argumento Ontológico — que fora formulado pouco mais de um século antes do nascimento de Tomás de Aquino.

O homem responsável pelo Argumento Ontológico foi Santo Anselmo, um monge italiano que se tornou arcebispo de Canterbury no reinado de Guilherme II, o Ruivo. Ele se desentendeu com o rei e foi exilado; posteriormente, Henrique I chamou-o de volta, mas também se desentenderam e Anselmo foi exilado de novo. Obviamente era ótimo em máteria de argumentos — mas o Argumento Ontológico foi de longe o melhor de todos. Simplificando bastante, começa por uma afirmação com a qual a maioria das pessoas concordaria (mesmo não crendo em Deus). Diz que a idéia de Deus é a maior que podemos conceber. De acordo com Anselmo, se essa idéia efetivamente não existe, deve haver uma idéia ainda maior exatamente como ela que também inclua o atributo da existência. Assim, a maior de todas as idéias deve existir, do contrário uma idéia ainda maior seria possível; *Quod erat demonstrandum,* Deus existe.

Tomás de Aquino rejeitou esse argumento em função do fato de que aqui na Terra nós só podemos adquirir uma vaga idéia dos atributos de Deus; nunca podemos conhecê-los todos perfeitamente. Assim não podemos *provar* se eles incluem ou não a existência.

Apesar de rejeitado por Tomás de Aquino, o Argumento Ontológico viria a ter um longo e fascinante pedigree intelectual. Quatro séculos mais tarde seria utilizado por Descartes e depois adotado em formas variantes tanto por Spinoza quanto por Leibniz. No século seguinte, Kant concordou com Tomás de Aquino e achou que ele havia destruído o Argumento Ontológico de uma vez por todas — mas algo muito semelhante ainda veio à tona na filosofia de Hegel. Argumentos sobre a existência de Deus podem agora ser considerados redundantes, mas iriam fornecer um elemento de continuidade à filosofia muito tempo depois de ela ter se libertado da camisa-de-força da teologia (tão habilmente modelada para ela por Tomás de Aquino). E embora o Argumento Ontológico possa hoje ter saído de moda em filosofia, recentemente fez uma espantosa reaparição no reino da ciência. Alguns cosmólogos passaram a usá-lo para explicar como teve início o universo. Argumentam como segue: antes do *Big Bang* nada existia. Tudo era nada, um nada desprovido do atributo da existência. Mas esse "tudo", para se tornar realmente Tudo, tinha que assumir uma existência. Tal necessidade se reveste de termos quase científicos, mas sua lógica é reconhecidamente medieval.

Mas esse inesperado renascimento não é único. Ninguém menos que Stephen Hawking também usa um argumento muito similar no seu *best-seller* intitulado *Uma breve história do tempo,* no qual discute se

algum dia seremos capazes de propor uma teoria unificada (que dê a explicação final sobre como o universo funciona — isto é, uma teoria de tudo). Em determinado ponto Hawking pergunta: “A teoria unificada é tão instigante que provoca sua própria existência?” Parece concordar com o Argumento Ontológico ao sugerir que sim.

Como vimos, Tomás de Aquino não se envolveria com tais explicações do *Big Bang* ou uma Teoria de Tudo. Ele tinha suas próprias idéias sobre tópicos que se propunham explicar como o mundo começou e como ele funciona. Esses estavam claramente incluídos na prova da existência de Deus que ele empreende na *Suma contra os gentios*. É essencialmente uma reformulação do argumento aristotélico do Primeiro Motor. Tomás de Aquino afirma que “tudo que se move é movido por outra coisa”. Essa cadeia de causa e efeito pode ser acompanhada numa série regressiva. Mas nenhuma série desse tipo pode ser infinita. Assim chegamos por fim ao primeiro motor, ele mesmo imóvel. Nas palavras de Tomás de Aquino: “Todos compreendem que este é Deus.” Mas vale ressaltar que o argumento original de Aristóteles sobre o Primeiro Motor, concebido no século IV a.C., dificilmente poderia ter levado à idéia de Deus. Sequer levou Aristóteles ao Deus judaico precursor que aparece no Antigo Testamento. Na verdade, levou-o à bem diferente e antiga idéia grega de divindade. O que envolvia dúzias de deuses diferentes — cujo comportamento licencioso dificilmente estava de acordo com a moralidade cristã. (Aí Aristóteles bem podia estar se curvando a preconceitos de seu tempo. Em outras ocasiões ele parece ter encarado Deus como uma espécie de intelecto ou espírito supremo. O que vai mostrar que, mesmo se aceitarmos o argumento aristotélico do Primeiro Motor, isso pode provar a existência de qualquer tipo de divindade — desde o deus da matemática até um pequeno flautista com pernas de bode que ataca as ninfas.)

O argumento tomista do Primeiro Motor tem alguma influência num universo mecanicista, mesmo que sua conclusão seja menos que instigante para o cientista. (Suponhamos que o *Big Bang* tenha sido causado por alguma partícula infinitamente comprimida; por que deveríamos entender isso como Deus?) Da mesma forma, o argumento se frustra num universo matemático, que tem de fato séries infinitas. Estas não eram desconhecidas na época de Tomás de Aquino. Ele teria conhecido os números incomensuráveis, como *л*, a que se refere Euclides — cuja obra então recém-traduzida tanto contribuiu para inflamar o amor medieval pela geometria.

Tais argumentos podem parecer injustos. Como podia Tomás de Aquino ter levado em conta a noção d e *Big Bang,* que só foi concebida no século XX? E não teria considerado irrelevantes os incomensuráveis matemáticos, argumentando que a matemática era uma atividade abstrata e não parte do mundo particular de causa e efeito?

Em outros aspectos a filosofia de Tomás de Aquino é grandemente realista. Como Aristóteles, estava inclinado a adotar uma abordagem empírica: nosso conhecimento deriva basicamente da nossa experiência. A abordagem de Tomás de Aquino foi celebremente definida pelo empolado escritor católico do início do século XX G.K. Chesterton como o “senso comum organizado”. Isso é obviamente ridículo, mas parece sê-lo menos se considerarmos Tomás de Aquino à luz do seu tempo. No século XIII, muitas idéias aristotélicas já eram aceitas fazia tanto tempo que passavam por senso comum. Era “senso comum” que o Sol girava em volta da Terra, por exemplo. Outras noções aristotélicas podem parecer menos plausíveis, mas ainda é possível compreender por que pareciam absolutamente convincentes naquela época.

Por exemplo, era “senso comum” que o mundo consistia em última análise de terra, ar, fogo e água. Isso, naturalmente, é uma bobagem que nem a experiência nem a experimentação confirmam. É pura conjetura. Mas ganha muito mais força se, como Aristóteles e os medievalistas, encararmos o mundo de

um ponto de vista *qualitativo.* Então os constituintes do mundo poderiam ser facilmente vistos como uma mistura dessas qualidades. Afinal, nossa experiência efetiva do mundo através dos sentidos é basicamente qualitativa. Doce, amargo, quente, frio, brilhante… A terra, o ar, o fogo e a água são meramente deduções dessas premissas.

Essa era a visão de mundo que Tomás de Aquino aceitou de Aristóteles — o paradigma, ou aparato mental, característico da filosofia medieval. Suas limitações tornam-se visíveis apenas quando comparadas à mentalidade que escolhemos adotar. Esta é essencialmente *quantitativa.* Em vez de ver em termos de qualidades, preferimos ver em termos de medição. (Essa é a principal razão pela qual a matemática medieval foi considerada fundamentalmente abstrata, enquanto a nossa descreve tudo, desde partículas subatômicas até as mais longínquas paragens do universo.)

A abordagem quantitativa também tem sua origem na Grécia antiga. Demócrito disse que o mundo era feito de átomos indivisíveis; Arquimedes aplicou a matemática a problemas práticos, como alavancas, polias e hidrostática. Mas essa abordagem foi descartada pela tradição aristotélica. A sua reabilitação mais ou menos na época do Renascimento marcou os primórdios da ciência moderna. Mas convém reiterar que a abordagem quantitativa não é a única. A mentalidade da Idade Média pode parecer esquisita no nosso mundo de física quântica e buracos negros, mas nossa abordagem também tem suas falhas. E algumas delas não eram visíveis no paradigma medieval. As fórmulas da física podem explicar a ocorrência do arco-íris e mesmo mostrar as cores que vai exibir. Mas não podem ser responsáveis por sua qualidade — a beleza diáfana que é sua propriedade mais imediata. Os cientistas modernos não são inconscientes dessa falha. Ninguém menos que o grande expoente da física quântica Richard Feynman disse certa vez: “O teste da ciência é sua capacidade de prever. Se você jamais tivesse estado na Terra, poderia prever as tempestades, os vulcões, as ondas do mar, a aurora e o crepúsculo colorido? … A próxima grande era de despertar do intelecto humano pode muito bem produzir um método para entender o conteúdo qualitativo das equações … Hoje não podemos saber se uma equação da ‘mecânica quântica’ contém — ou não — rãs, músicos ou moralidade.” Assim, a “próxima grande era do conhecimento humano” pode muito bem incluir a adoção da abordagem medieval!

Tomás de Aquino continuou a trabalhar na *Suma contra os gentios* por muitos anos, mas antes que concluísse sua grande obra foi nomeado conselheiro da Cúria. Em 1259 voltou à Itália para assumir o posto nas montanhas cerca de 50 quilômetros ao sul de Roma, em Anagni, cidade natal do papa Alexandre IV, e onde tinha instalado sua corte. (Naquela época o pontífice preferia governar de um ponto seguro. As ruas de Roma estavam infestadas de batedores de carteira, ladrões e assaltantes que atacavam turistas e transeuntes inocentes e, ao contrário de hoje, assaltavam também papas.)

Alexandre IV, cujo nome verdadeiro era Rinaldo, vinha de conhecida família papal. (Seu tio fora papa também: Gregório IX.) Alexandre é lembrado mais por seu entusiasmo ao incitar à Inquisição na França e pelas tentativas persistentemente frustradas de promover uma cruzada contra os mongóis. (Por alguma razão, ninguém se aventurou a atravessar milhares de quilômetros de estepes desérticas para mexer em casa de marimbondo, de modo que as hordas do sucessor de Gengis Khan foram deixadas em paz.) Infelizmente, Alexandre estava tão ocupado com essas coisas que se esqueceu de sagrar cardeais. Assim, só restavam oito cardeais quando ele morreu, em 1261, dois anos após a chegada de Tomás de Aquino. Esses velhos cardeais foram devidamente convocados para o conclave que elegeria um novo papa, mas não chegaram a um acordo sobre qual deles deveria assumir o trono. Por fim entregaram o cargo ao patriarca de Jerusalém, que por acaso tinha se deslocado da Terra Santa e estava de visita na cidade. Tratava-se do francês Pantaleão, que sabiamente decidiu adotar o nome de Urbano IV. Assim, Tomás de Aquino passou a servir a um novo papa, que começou seu reinado em Orvieto mas depois, com medo de ser envenenado, se mudou para Perúgia.

No período em que trabalhou na Cúria, Tomás de Aquino terminou a *Suma contra os gentios,* escreveu comentários sobre os Evangelhos, compôs belos hinos que demonstram sua habilidade poética e concluiu comentários sobre as obras de Aristóteles, sermões e outros textos, entre os quais um tratado apontando os erros da filosofia grega. O número de obras de Tomás de Aquino é tão vasto quanto o de qualquer grande filósofo antes ou depois dele, mas o recurso a secretários significa que seu estilo é muitas vezes prosaico. Contam que era capaz de ditar a quatro secretários ao mesmo tempo, mas na época das penas de escrever, dos elaborados manuscritos itálicos e dos secretários eclesiásticos mais afinados com um ritmo burocrático medieval, isso pode não ter sido exatamente a grande proeza de malabarismo intelectual que parece à primeira vista.

Tomás de Aquino também passou grande parte do seu tempo na Cúria traçando preparativos para a união da Igreja católica romana com a Igreja bizantina. Era um projeto que muitos papas acalentaram. Houve intrincadas negociações, compromissos foram assumidos na surdina, elaboraram-se documentos detalhados e, por fim, chegaram a ocorrer encontros entre as duas partes — mas praticamente sem resultado. Os católicos eram bizantinos demais na sua visão e os bizantinos continuavam nada católicos.

Tomás de Aquino não foi o único grande filósofo a desempenhar um papel de destaque na tentativa de unir a cristandade. No século XVII, o alemão Leibniz serviu a um movimento, igualmente frustrado, para unir as igrejas católica e protestantes. (A essa altura, Bizâncio era dominada pelos turcos havia muito tempo.) Dentre os grandes filósofos, Tomás de Aquino desempenhou um papel destacado incomum nos assuntos práticos de seu tempo, mais incomum ainda pelo fato de que seus pares levaram a sério esse papel. Os planos de Leibniz foram obra de gênio, altamente sofisticados, sutis demais para serem levados a sério.

Tomás de Aquino adotou a atitude aristotélica na política — quer dizer, uma abordagem pragmática que pelo menos tinha uma chance de funcionar. Quando Aristóteles elaborava uma nova constituição para uma cidade-Estado qualquer, seu primério critério era saber se podia ser colocada em prática naquela cidade-Estado específica. Só então tentava incorporar ao texto os melhores aspectos das constituições de outras cidades. Tomás de Aquino traçou diversas vezes uma série de hábeis compromissos entre as práticas das igrejas ocidental e oriental, mas as negociações foram frustradas com a profunda antipatia das partes interessadas pelo primeiro princípio da política, tal como entendida por Aristóteles ou Tomás de Aquino (e por pouquíssimos filósofos políticos antes ou depois deles). Todas as tentativas de Aquino de introduzir esse princípio nas negociações deram em nada.

A prática política de Tomás de Aquino era inegavelmente prática, mas sua teoria política era, também inegavelmente, teórica. Para ele, o Estado era a sociedade perfeita. Mas o Estado não podia ser opressivo demais, porque o justo objetivo moral do homem nesta vida é a felicidade humana. Isso pode parecer vago, mas pelo menos está ancorado no senso comum aristotélico — e é até bastante útil como princípio geral. Infelizmente, Tomás de Aquino era por demais intelectual para permitir algo tão vago assim. Então introduziu um elemento do pensamento aristotélico cujo frágil apego ao senso comum na Grécia antiga ficou um tanto desgastado com os séculos. Um dos princípios da metafísica aristotélica era o de que a parte ajusta-se ao todo da mesma forma que a imperfeição ajusta-se à perfeição. Assim, como o indivíduo é parte de uma sociedade perfeita, a lei deve preocupar-se com a felicidade humana (porque numa sociedade perfeita todos deveríamos ser felizes). Esse argumento é de raciocínio um tanto minucioso, pois seus passos e implicações são admiravelmente sutis. Mas, ao final das contas, não introduz nenhum elemento novo de clareza à condição vaga que se propusera dissipar.

Felizmente, as habilidades de Tomás de Aquino como teórico político nunca foram mal aplicadas à realidade. Seus talentos práticos como político, no entanto, foram muito mais apreciados e muitas vezes

requeridos. No final de 1268, ele foi enviado às pressas numa missão importante a Paris. Mais uma vez a universidade enfrentava o tumulto da controvérsia: fora reaberta a disputa entre os dominicanos e as autoridades universitárias. Ao mesmo tempo, recentes traduções dos comentários de Averróis sobre Aristóteles estavam levando a um perigoso radicalismo. Tomás de Aquino tinha a difícil tarefa de defender os dominicanos e, ao mesmo tempo, sua crença em Aristóteles contra os ataques de todos os lados. Os tradicionalistas achavam que os últimos acontecimentos comprometiam a crença ortodoxa e colocavam em risco toda a interpretação cristã de Aristóteles. Os averroístas (como eram então chamados os radicais) apegavam-se mais uma vez à velha divisão entre razão e fé. Segundo eles, razão e fé representavam duas formas inteiramente diferentes de conhecimento, a saber: por um lado, o conhecimento religioso e, por outro, o conhecimento científico, racional. Na opinião deles, o conhecimento da fé e o conhecimento da razão eram totalmente independentes e podiam mesmo se contradizer um ao outro. Esse racha revolucionário (que ainda subsiste hoje por baixo da superfície do nosso pensamento) era visto corretamente como uma ameaça direta à ditadura intelectual da Igreja.

Tomás de Aquino continuou sua defesa da teologia como “ciência da razão”, baseada em princípios religiosos revelados. Mas essa sanção da autonomia da razão, mesmo dentro dos limites da fé, levou muitos tradicionalistas a condená-lo junto com os averroístas.

À parte tudo isso, Tomás de Aquino também teve a sua obra censurada ao tentar defender os dominicanos. A causa subjacente a grande parte dessas contendas era política, e não meramente intelectual, mas felizmente Tomás de Aquino tinha alguns aliados poderosos. Luís IX, rei de França, não era o menos influente deles.

Luís era, sob vários aspectos, um modelo exemplar de monarca medieval. Trapalhão bem intencionado, ele governava a França havia mais de quarenta anos. Gostava de companhia intelectual: o fundador da Sorbonne era seu amigo íntimo, e padres brilhantes como Tomás de Aquino eram presenças constantes à sua mesa. Luís adquirira fama em toda a Europa por um comportamento diplomático sem precedentes. Ele de fato mantinha a palavra e até cumpria tratados que havia assinado — práticas tão raras no século XIII quanto no nosso. Era também um ávido construtor de igrejas, sendo a mais famosa delas a Sainte-Chapelle de Paris, que ergueu para abrigar uma relíquia extremamente rara que lhe fora presenteada pelo imperador Balduíno de Bizâncio: a coroa de espinhos de Cristo, da qual só havia três originais autênticos à época.

Porém Luís é talvez mais lembrado por suas cruzadas. Em 1248 tomou parte na Sexta Cruzada. Tudo foi bem até 1250, quando foi derrotado e capturado em Al Mansura, no Egito. Ficou quatro anos detido na Síria, enquanto prosseguiam as negociações habituais para a libertação dos reféns do Oriente Médio. Finalmente concordaram em libertar Luís por uma soma de dinheiro colossal (um resgate de rei, sem dúvida) e a rendição de todo o território que ele havia conquistado na cruzada.

Depois disso, muitos pensaram que os tempos de cruzada haviam terminado para Luís — mas em alguns anos ele estava de novo ocupado preparando outra. Finalmente partiu mais uma vez para a Terra Santa em 1270. Infelizmente, contraiu uma febre não muito tempo depois de partir da França e teve de ser desembarcado em Túnis, onde morreu. Vinte e sete anos depois foi canonizado.

O rei Luís tinha grande respeito por Tomás de Aquino. Uma das poucas anedotas críveis a respeito de São Tomás conta que ele foi a um banquete de cerimônia dado pelo rei. Este falava quando foi interrompido de repente por um dos convidados, que deu um murro na mesa. O salão ficou em silêncio e todos se viraram para olhar o grande padre barrigudo que golpeara a mesa — que parecia não perceber o distúrbio que causara. Profundamente mergulhado em pensamentos, Aquino murmurava para si mesmo: “Achei!”

Não habituado a interrupções desse tipo, Luís inclinou-se sobre a mesa e pediu uma explicação. Tomás de Aquino caiu em si, olhou ao redor e disse: “Desculpai, majestade. Mas acabo de descobrir como refutar o maniqueísmo.”

O rei ficou tão impressionado com o atrapalhado e desligado clérigo que, em vez de repreendê-lo, ordenou que prosseguisse com suas meditações e mandou um secretário registrar sua refutação do maniqueísmo. Essa heresia quase cristã, que remonta ao século III, supunha que o mundo era produto do conflito entre o Bem e o Mal ou entre a luz e a escuridão. A alma humana consiste de luz, presa na escuridão da qual deve tentar livrar-se. A profunda simplicidade e coerência dessa doutrina essencialmente dualística, que refletia cultos mediterrâneos pré-cristãos, tornou o maniqueísmo dominante em todo o mundo mediterrâneo desde os tempos cristãos primitivos até grande parte dentro da era medieval. (No século IV, Santo Agostinho foi um maniqueísta antes de se converter.)

Tomás de Aquino refutou o maniqueísmo negando o seu dualismo. O mal não existe como entidade positiva; é meramente uma falta de bem adequadamente informado. Mesmo quando cometendo os piores atos, sempre temos o bem em mente (ainda que seja apenas o nosso próprio). A psicologia disso pareceria irrefutável. O assassino vê a morte da vítima como bem; mesmo o torturador relutante adapta-se porque acha melhor fazer isso. O fato de que nossa visão do bem é tomada equivocadamente é que a transforma em mal. Apesar de ser intelectualmente refutado por Tomás de Aquino e efetivamente refutado por oponentes menos intelectualizados (o massacre albigense e assim por diante), o maniqueísmo persistiu obstinadamente até o século XV e possivelmente além. Com efeito, evidência histórica recém-descoberta sugere que ele pode até ter sido secretamente importado para o Novo Mundo por primitivos colonos.

Mas Tomás de Aquino tinha mais a fazer em Paris do que refutar heresias durante os jantares. Tinha sido enviado numa missão. Como parte de sua campanha para defender os dominicanos e resistir às incursões ao aristotelismo dos agitadores averroístas, Tomás de Aquino escreveu um tratado que intitulou *De pestifera doctrina retrahentium homines a religionis ingressa* (que poderia ser livremente traduzida assim: “Tudo sobre a doutrina pestilenta dos retrógrados que querem nos arrastar de volta à Idade das Trevas”). Talvez por causa do título chamativo, esse tratado logo virou um *best-seller* em todo o Quartier Latin e Tomás de Aquino lavou a égua.

Em 1272, Tomás de Aquino voltou à Itália e assumiu um posto de professor na universidade napolitana onde estudara. Aí continuou a trabalhar na sua segunda grande obra, a *Suma teológica,* uma tentativa de alinhavar todos os elementos isolados do seu pensamento num sistema filosófico abrangente. Esse sistema pretendia incluir todo o pensamento moral, intelectual e teológico da Igreja católica. Embora essa obra tenha ficado incompleta com a morte de São Tomás, é ainda considerada a melhor e mais completa exposição da mente medieval — infelizmente um feito um tanto vazio aos olhos modernos. A obra-prima de Tomás de Aquino praticamente não desperta qualquer interesse hoje, exceto entre os católicos, que têm de estudá-la porque contém a verdade sobre a filosofia.

O tom da obra está no fato de o autor apresentar nada menos que cinco provas da existência de Deus. (Os leitores modernos podem se indagar por que cargas d’água, se uma não basta, mais quatro resolveriam o problema.) Outros tópicos que garantiram à obra-prima de Tomás de Aquino a chance de figurar nas listas de *best-seller* incluem discussões do seguinte: “como será o mundo após o Juízo Final?”; “Será que a fraqueza, ignorância, malícia e luxúria são resultado do pecado?” e “O movimento dos corpos celestes cessará após o Dia do Juízo Final?” Você pode achar difícil acreditar que mesmo no período medieval as pessoas fossem capazes de manifestar grande entusiasmo por assuntos tais, acompanhados como eram por copiosas dissertações de São Tomás sobre os seus prós e contras, junto

com extensas citações d'*o* filósofo (Aristóteles) e outras autoridades mortas desde muito. Mas está errado. Nesse período, grande número de mosteiros espalhava-se por toda a Europa, muitos em lugares extremamente remotos. Dentro dos muros dessas instituições ditas abstêmias e celibatárias, as ordens inferiores realizavam a colheita dos nabos e a prova da cerveja — deixando aos intelectuais o combate à doença que alcançava proporções epidêmicas em toda a Europa monástica, a acídia, mais conhecida como "mal dos monges", e, para nós, como apatia estupidificante ou preguiça. Em tais circunstâncias, as longas e austeras discussões de Tomás de Aquino para saber "se o corpo é comandado pela alma nos animais irracionais", se "a condição física e a identidade daqueles que morrem ressurgem após a morte" e "se deveríamos amar nosso corpo por caridade" devem com efeito ter sido assuntos de prender a atenção.

Felizmente, Tomás de Aquino estava interessado em escrever mais do que uma resposta da cristandade ao Talmude. Em meio a toda a rabínica cata de piolhos há passagens que revelam uma mente de características próprias, cujo pensamento está bem à frente de seu tempo. Tome-se por exemplo sua discussão sobre a possibilidade de a dor e o sofrimento serem mitigados por cada prazer. Começa citando *o filósofo:* "A dor é expulsa pelo prazer, seja por um prazer contrário ou por um outro, contanto que seja intenso." Então argumenta: "O prazer é uma espécie de repouso do apetite em um bem adequado, enquanto a dor resulta de algo incompatível com o apetite." Conclui, numa passagem cuja visão ligeiramente ultrapassada não deve obscurecer seu discernimento: "Uma pessoa pode se sentir cheia de tristeza ao participar de alguma atividade agradável que costumasse partilhar com um amigo agora ausente ou morto. Em tal circunstância há duas causas dentro dela, que produzem efeitos contraditórios. O pensamento da ausência do amigo faz brotar o sofrimento. Por outro lado, sua vida no presente imediato, participando de uma atividade agradável, é causa de prazer. Cada uma dessas causas de alguma forma modifica a outra. Mas nossa percepção do presente é mais forte que a nossa lembrança do passado. Também o amor pelo próprio eu é mais persistente que o amor pelo outro. Assim, no fim, nosso prazer expulsa a nossa dor."

Aqui Tomás de Aquino revela agudeza psicológica ao mesmo tempo que mantém milagrosamente uma posição religiosa ortodoxa que também concorda com a filosofia aristotélica. Escrever um texto psicológico perspicaz já é bastante difícil, especialmente na linguagem de uma época anterior à psicologia. Escrever um texto psicológico que é também teológico *e* filosófico então vem a ser uma complicada proeza intelectual.

Isso nos leva à filosofia moral de Tomás de Aquino. Mais uma vez ele adota a abordagem aristotélica do senso comum. Aristóteles e Tomás de Aquino viam a felicidade humana como o objetivo de todos nesta vida. Navegar pela vida com essa atitude pode nos aproximar perigosamente dos recifes da anti-ortodoxia e mesmo da heresia, embora Tomás de Aquino tivesse talento e perspicácia psicológica suficientes para discernir esse fato incômodo. O objetivo da filosofia moral era definir como se poderia alcançar essa felicidade de uma forma moral — para o indivíduo, a família e a sociedade. Essa felicidade, disse Tomás de Aquino, era alcançada por meio da "lei natural", que era descoberta pela razão. Essa lei natural podia também ser rejeitada, tornando assim irracional e antinatural o comportamento imoral. Como já vimos, o comportamento irracional é geralmente adotado por razões egoísticas, quando temos uma idéia equivocada e estreita de felicidade (por exemplo, assassinato, ganância ou preguiça).

Tomás de Aquino especifica quatro virtudes cardeais que nos ajudam a alcançar a bondade moral. São a prudência, a justiça, a força e a temperança. Dessas, a virtude maior é a prudência. Aos olhos modernos esse conceito pode parecer um tanto vago e afetado, o elemento do discernimento discreto em ação. A palavra latina usada por Tomás de Aquino é *prudentia,* que dá uma noção mais forte, com

conotações de sabedoria, previdência e sagacidade (tanto social como intelectual). Mas continua sendo um tanto vaga como idéia diretriz. Aquino parece querer dizer que deveríamos cultivar uma adequada percepção que nos permita ficar do lado do que é moralmente bom. Isso pode nos parecer pouco mais do que "escolher o lado vencedor" (eticamente falando, claro). Mas vivemos num tempo incerto, quando o campo ético tem muitos competidores. Na época de São Tomás, era páreo de um cavalo só: a Igreja era invariavelmente a vencedora. O caráter vago do seu conceito de prudência simplesmente possibilitou ligeiras mudanças na posição da Igreja sobre questões morais.

Por mais de um ano Tomás de Aquino continuou a lecionar na Universidade de Nápoles, trabalhando na *Suma teológica* e fazendo hora extra na sua produção habitualmente prolífica de tratados, comentários, sermões, obras exegéticas e coisas do gênero. Então, no outono de 1273, quando trabalhava tarde da noite em sua cela, teve uma experiência mística, com uma visão da Verdade e da alegria da vida eterna. Depois disso, parou de escrever e se tornou mais solitário, explicando que todos os seus argumentos intelectuais pareciam agora "apenas palha ao vento". Com a chegada do inverno, ficou doente. Tinha somente 50 anos, mas foram anos de trabalho puxado e vida frugal e descuidada, que cobraram o seu tributo mesmo desse arcabouço robusto. São Tomás tinha agora apenas mais alguns meses de vida.

No Ano Novo foi chamado pelo papa Leão X para participar do Segundo Concílio de Lyon, convocado em mais uma tentativa de superar o racha doutrinário entre as igrejas romana e bizantina. Tomás de Aquino era requisitado para explicar os pontos mais sutis de como suas diferenças irreconciliáveis ainda podiam ser teoricamente superadas.

Negligenciando com sua doença, Tomás se lançou a caminho numa jornada de quase mil quilômetros que jamais terminaria. A essa altura mal percebia o ambiente ao redor. Mas quando se deslocava de Nápoles para o norte, reconheceu indistintamente a paisagem de Aquino. Na colina do outro lado do vale, sobranceira à aldeia de Roccasecca, distinguiu a silhueta familiar do castelo onde nascera, em 1225.

POSFÁCIO

. . . .

A filosofia de São Tomás de Aquino, mais tarde conhecida como tomismo, foi logo adotada pela Igreja. Suas obras eram consultadas acerca de problemas doutrinários e sua filosofia tornou-se a autoridade intelectual máxima. (O papa, naturalmente, continuava a ser a autoridade máxima de fato, mas seus decretos em geral tinham pouco conteúdo intelectual.)

Isso teve um efeito calcificante no pensamento filosófico, que foi reduzido a meras tergiversações sobre o que Aristóteles e Tomás de Aquino queriam efetivamente dizer. Comentário e exegese tornaram-se a ordem do dia e a filosofia original se petrificou, morta. (Pode-se argumentar que esse era, de fato, o caso desde a morte de Santo Agostinho, quase oito séculos *antes* de Tomás de Aquino entrar em cena.)

Esse panorama continuou após a morte de São Tomás e nos dois séculos restantes da Idade Média. Surpreendentemente, persistiu depois, no Renascimento, quando a mentalidade da civilização européia mudou de forma irreconhecível. A Terra — e com ela a Igreja católica romana — foi deslocada do centro do universo. A ciência e o humanismo assumiram o comando, inspirando uma autoconfiança intelectual que possibilitou aos europeus a circunavegação do globo e a criação de um novo mapa celeste. Mas a filosofia não foi afetada, continuando o tomismo a ser ensinado nas universidades, com o mundo especulativo preso numa trama aristotélica de duzentos anos.

Só no século XVII começaram a aparecer as primeiras rachaduras nessa imensa estrutura gótica, mais comentada e estudada que qualquer outra obra humana antes ou depois. Então, em 1637, Descartes publicou seu *Discurso do método,* no qual questionava todas as certezas anteriormente aceitas, chegando a uma noção férrea sobre a qual se poderia basear todo pensamento: o seu famoso *cogito ergo sum* ("penso, logo existo"). Começou assim a filosofia moderna, varrendo para sempre as teias de aranha do aristotelismo e do tomismo.

CITAÇÕES-CHAVE

. . . .

A famosa prova tomista da existência de Deus, o “primeiro motor”:

Tudo que existe na natureza tem que ser movido por alguma outra coisa. Da mesma forma, esta outra coisa, na medida em que está em movimento, deve também ser movida por algo mais. Mas essa cadeia de eventos não pode retroceder para sempre, porque se o fizesse não poderia haver um primeiro motor e portanto nenhum outro. Pois os segundos motores não podem se mover a não ser que sejam movidos por um primeiro motor, da mesma forma que uma vareta não move nada a não ser que seja movida por uma mão. Dessa forma devemos chegar a um motor primeiro que não seja movido por nada. E todos compreendemos que este é Deus. *(Suma teológica)*

A base da refutação tomista do Argumento Ontológico:

Jamais poderemos saber o que é Deus, mas apenas o que Ele não é. Portanto devemos refletir sobre as maneiras pelas quais Ele não é, não sobre as maneiras pelas quais Ele é. *(Suma teológica)*

Um exemplo em que a confiança de Tomás de Aquino em Aristóteles é admirável no fundamento, mas nada prática:

Como mostra Aristóteles, devemos proceder como segue quando estudamos uma classe específica de coisas: primeiro devemos tentar descobrir as qualidades que todos os membros dessa classe têm em comum; só então devemos estudar as qualidades específicas dos diferentes indivíduos dela … Há uma classe de coisas que inclui todas as criaturas vivas. Assim, a melhor maneira de estudar os membros dessa classe é primeiro descobrir que qualidades têm em comum, e só então que qualidades específicas são possuídas por diferentes membros.

Há algo comum a toda coisa viva: a alma. Toda criatura viva possui uma alma. Portanto, para obter conhecimento sobre as criaturas vivas, a melhor maneira de agir é primeiro estudar a alma, presente em cada uma delas. (Comentário ao tratado de Aristóteles *De anima)*

Mas essa visão não é tão risivelmente ultrapassada como pode parecer. A qualidade *que distinguia as coisas vivas era a alma. Investigações quantitativas subseqüentes foram incapazes de localizar essa entidade esquiva. Mas não resta dúvida de que esse conceito refletia algum elemento da nossa experiência. A ciência então recolheu-se a uma noção mais segura empiricamente, a de “consciência”. Esta, no entanto, passou também a sofrer um bombardeio contínuo. O que é exatamente a consciência? A visão quantitativa tem extrema dificuldade com esses problemas, que continuam porém fundamentais para a nossa noção de existência. Talvez esses problemas venham a ser resolvidos somente quando reincorporarmos a visão qualitativa adotada por Aristóteles, Tomás de Aquino e a filosofia medieval.*

A Divina Comédia *de Dante resume todo o mundo e pensamento medievais. Ela nos dá um exemplo da relativa consideração de que desfrutavam São Tomás e Aristóteles. O filósofo grego antigo é mencionado pelo poeta florentino como* il maestro di color che sanno *(o mestre daqueles que sabem). Adiante, refere-se a Tomás de Aquino como* fiamma benedetta *(bendita chama). Aristóteles foi o mais*

sábio dos homens, mas só a palavra de Tomás de Aquino era de inspiração divina.

O propósito de cada coisa é aquele que lhe dá o criador ou motor dessa coisa. Ora, o primeiro motor ou criador do universo é espírito ou mente. [Aqui, Tomás de Aquino coopta uma noção aristotélica de Deus como mente ou intelecto.] Por essa razão, o fim ou propósito último do universo deve ser o bem do intelecto. E isso é verdade. Assim, a verdade deve ser o propósito final do universo e o exame da verdade deve ser a principal ocupação da sabedoria. *(Suma contra os gentios:* A atividade do sábio)

CRONOLOGIA DE DATAS SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

. . . .

séc.VI a.C.	Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.
fim do séc. VI a.C.	Morte de Pitágoras.
399 a.C.	Sócrates condenado à morte em Atenas.
c.387 a.C.	Platão funda a Academia em Atenas, a primeira universidade.
335 a.C.	Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.
324d.C.	O imperador Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.
400d.C.	Santo Agostinho escreve as *Confissões.* A filosofia é absorvida pela teologia cristã.
410 d.C.	Saque de Roma pelos visigodos. Anuncia o advento da Idade das Trevas.
529 d.C.	O fechamento da Academia em Atenas pelo imperador Justiniano marca o fim do pensamento helenista.
meados do séc.XIII	Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.
1453	Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.
1492	Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse pela aprendizagem do grego.
1543	Copérnico publica *De revolutionibus orbium caelestium (Sobre a revolução dos orbes celestes),* provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.
1633	Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do universo.
1641	Descartes publica as *Meditações,* início da filosofia moderna.
1677	A morte de Spinoza permite a publicação da *Ética.*
1687	Newton publica os *Principia,* introduzindo o conceito de gravidade.
1689	Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano.* Início do empirismo.
1710	Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano,* levando o empirismo a novos extremos.
1716	Morte de Leibniz.
1739-40	Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana,* conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.
1781	Kant, despertado de seu "sonho dogmático" por Hume, publica a *Crítica da razão pura.* Início da grande era da metafísica alemã.
1807	Hegel publica a *Fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.
1818	Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação,* introduzindo a filosofia hindu na metafísica alemã.
1889	Nietzsche, após declarar que "Deus está morto", sucumbe à loucura em Turim.
1921	Wittgenstein publica o *Tractatus logico-philosophicus,* advogando a "solução final" para os problemas da filosofia.

década de 1920	O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.
1927	Heidegger publica *Sein und Zeit (Ser e tempo),* anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a continental.
1943	Sartre publica *L'être et le néant (O ser e o nada),* dando continuidade ao pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.
1953	Publicação póstuma das *Investigações filosóficas,* de Wittgenstein. Auge da análise lingüística.

CRONOLOGIA DA VIDA DE TOMÁS DE AQUINO

. . . .

1225	Nasce Tomás de Aquino, em Roccasecca, sul da Itália.
1239	Começa a estudar na Universidade des Nápoles.
1244	Ingressa na ordem dominicana de frades mendicantes. Seqüestrado pelos irmãos na estrada para Roma.
1244-45	Aprisionado pela mãe no castelo de Roccasecca.
1245	Escapa do castelo e viaja a pé para Paris.
1248-52	Estuda com Alberto Magno em Colônia.
1251	É ordenado em Colônia.
1252-59	Leciona em Paris e escreve a *Suma contra os gentios.*
1259	Nomeado conselheiro da cúria pelo papa Alexandre IV, volta para a Itália.
1266	Começa a escrever a *Suma teológica.*
1268	Enviado a Paris para tratar do contínuo conflito entre a universidade e os dominicanos e do radicalismo dos averroístas.
1272	Volta à Itália.
1273	Experiência mística leva-o a parar de escrever.
1274	Convocado pelo papa Leão X para o Segundo Concílio de Lyon. Adoece e morre na viagem.
1323	Canonizado pelo papa João XXII.
1879	O papa Leão XIII declara que as obras de São Tomás de Aquino são a única verdadeira filosofia.

LEITURA SUGERIDA

. . . .

Tomás de Aquino, *Suma teológica,* Instituto Sedes Sapiential, São Paulo, 1944.

Tomás de Aquino, “O ente e a essência”, “Questões discutidas sobre a verdade”, “Suma contra os gentios”, col. Os Pensadores, São Paulo, Nova Cultural, 1996.

Bertrand Russell, *História da filosofia ocidental,* São Paulo, Nacional, 1982.

Philoteus Boehner e Etienne Gilson, *História da filosofia cristã,* Petrópolis, Vozes, 1982.

ÍNDICE REMISSIVO

C I E N T I S T A S
em *90 minutos*

. . . .

por Paul Strathern

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos
Bohr e a teoria quântica em 90 minutos
Crick, Watson e o DNA em 90 minutos
Curie e a radioatividade em 90 minutos
Darwin e a evolução em 90 minutos
Einstein e a relatividade em 90 minutos
Galileu e o sistema solar em 90 minutos
Hawking e os buracos negros em 90 minutos
Newton e a gravidade em 90 minutos
Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos
Pitágoras e seu teorema em 90 minutos
Turing e o computador em 90 minutos

Título original:
Thomas Aquinas in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição
norte-americana, publicada em 1998 por Ivan R. Dee,
de Chicago, Estados Unidos

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Ilustração: Lula

ISBN: 978-85-378-0579-4

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
